



Editorial

Editorial

Francisco Botelho

A atual pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2 alterou a nossa vida de uma forma que nunca imaginávamos ser possível. Fechou escolas e espaços de cultura, suspendeu as atividades desportivas, colocou milhões de cidadãos em casa com rendimento reduzido e afastou membros da mesma família. Estas mudanças no nosso quotidiano ainda se sentem e o futuro é incerto.

Na nossa atividade clínica também provocou mudanças importantes: a criação de espaços e circuitos para doentes “COVID” e “não COVID”; a obrigatoriedade de rastreio para todos os doentes internados; a suspensão temporária das consultas não essenciais; a transformação de muitas consultas em teleconsultas; a menor utilização de alguns procedimentos por dúvidas sobre a sua segurança (utilização de máscaras laríngeas e laparoscopia, por exemplo).

Para compreender o que se passava, prever o que se iria passar e tentar minimizar os seus danos, a sociedade procurou respostas em vários responsáveis, com um nível de pressão muito elevado. Num ambiente de muita incerteza, por falta de evidência, houve respostas boas e respostas menos boas. Políticos, dirigentes, investigadores e médicos, a nível nacional e internacional, pronunciaram-se várias vezes, de forma demasiado assertiva, sobre temas como a evolução da pandemia, a eficácia de medidas de prevenção a nível individual e populacional e quais os tratamentos mais adequados. A evolução do conhecimento sobre a pandemia veio a mostrar uma realidade diferente da maioria das previsões.

Muitas dúvidas permanecem. É exemplo a questão, com enormes implicações económicas, de qual será a primeira vacina eficaz (se é que vai haver vacina eficaz). É importante que a comunidade científica permaneça serena, informada sobre a melhor evidência disponível no momento e com espírito crítico.

É necessário rejeitar falsos profetas, mas simultaneamente conseguir alterar os procedimentos à luz dos novos conhecimentos científicos credíveis.

Hoje em dia, muita informação sobre saúde aparece na comunicação social, através de comunicados à imprensa dos próprios investigadores ou das suas instituições, antes mesmo da sua publicação em revistas científicas. Trata-se de informação não revista, sem direito a contraditório, sem análise detalhada dos métodos e dos resultados da investigação. Esta prática é crescente, mas muitas vezes os títulos da imprensa não refletem o que posteriormente é publicado.

Para a filtragem e divulgação dos novos conhecimentos científicos credíveis são essenciais as revistas científicas com revisão por pares. Deve ser esta a principal (mas não a única) fonte credível onde os profissionais de saúde vão obter o seu conhecimento. A *Acta Urológica Portuguesa* é uma dessas revistas e tem sido um motor, nos últimos anos, na divulgação de alguma atividade científica na área da Urologia que se tem realizado em Portugal. Contudo, desde há vários anos, que se tem deparado com várias dificuldades.

A maior é a constante dificuldade em encontrar revisores que se disponham a perder o seu tempo para rever os artigos submetidos. Esta dificuldade atrasa muito a revisão dos artigos submetidos, desesperando os seus autores e desanimando todos os envolvidos no processo. Temos a certeza que há colegas motivados para colaborar na revisão, mas que não sabem como concretizar essa motivação. Incentivamos assim, quem tiver experiência em publicação de artigos científicos e estiver interessado em ser revisor, a enviar um email com os contactos, áreas de interesse e currículo resumido para o email da revista (apu@apurologia.pt).

Juntos construiremos uma *Acta* mais forte!